

Reflexões sobre a 'experiência fundante' da Companhia de Jesus ontem e hoje

P. José Antonio Netto de Oliveira S.J.
Reunião de Superiores e Diretores de Obras da BRC
(Rio de Janeiro: 16 e 17 de maio de 2001)

Versión en español

O Pe. Arrupe esperava da C.G. 32. uma verdadeira 'refundação' da Companhia, isto é, uma mudança profunda, fundamental, em sua maneira de ser e de agir. Estas palavras do Pe. Kolvenbach introduzem o tema da 'refundação' da Companhia, por ele retomado no relatório "Sobre o estado da Companhia" à 68ª Congregação de Procuradores em setembro de 1999.

E a prova de que a Companhia captou perfeitamente o que estava em jogo nesse chamado a uma mudança radical está, segundo o próprio Pe. Kolvenbach, na violenta reação que teve que enfrentar o Pe. Arrupe tanto da parte daqueles que queriam a todo custo voltar à vida consagrada pré-conciliar, como da parte daqueles que se lançaram precipitadamente para frente.

O problema continua a esperar uma resposta. Como entender esse apelo hoje? Não se trata de discutir aqui se a 'palavra' é adequada ou não. O importante é nos abirmos à 'coisa' para a qual a palavra aponta. Não sealaria hoje em 'refundar a Vida Religiosa' se não tivéssemos consciência de que ela padece de certa desintegração que afeta a sua unidade vital, e que se manifesta de diversas formas, tanto no nível individual das pessoas como no nível do corpo apostólico e da missão. Recuperar ou reconstruir essa unidade fundamental é a tarefa primordial do que se visa com o termo 'refundação'.

O problema: a perda da unidade ou a desintegração da vida Religiosa

A experiência que está na origem da Companhia de Jesus - a experiência fundante poderíamos dizer - é simultaneamente: a) uma experiência de Deus e de Jesus Cristo ou do Deus de Jesus Cristo, b) inseparável de uma maneira de ver e estar presente no mundo (de captar a realidade) como missão, c) que leva os primeiros companheiros a optarem por uma determinada forma de vida. É o que explica a hesitação de Inácio em enquadrar-se dentro do esquema da Vida Religiosa até então conhecida.

Os três elementos são inseparáveis, se condicionam e se interpretam mutuamente.

Experiência de Deus + Missão + Estilo de Vida

Para Inácio não podia haver experiência de Deus (o que depois, de maneira empobrecida, será designado como 'experiência espiritual') sem uma verdadeira paixão pelo mundo, amado e servido em nome de Jesus. E o estilo de vida (evangélica ou apostólica) era a tradução dessa experiência e estava a serviço dela. Essa síntese original era a mística que alimentava e inspirava, ao mesmo tempo, a missão e a maneira de ser da Companhia.

Inácio acreditou que nesta experiência havia algo de 'novo' que devia ser defendido por todos os meios. De fato, sem o pretender, ele estava na origem do que historicamente

viria a ser considerado como uma forma nova de Vida Religiosa denominada 'apostólica', em contraposição à vida monástica tradicional ou às ordens mendicantes. Nova porque não cabia nos moldes existentes, como se encarregou de pôr em evidência a história posterior da Vida Religiosa e a evolução da própria Companhia de Jesus. De fato, transpostos para um esquema de vida profundamente estranho à intuição que os viu nascer, os três aspectos ou dimensões da experiência fundante de Inácio se desintegraram, perderam a sua unidade vital e acabaram constituindo blocos erráticos dentro da experiência espiritual e apostólica da Companhia, tanto no nível pessoal como no nível do corpo apostólico.

É o que aconteceu à medida que as diferentes formas de Vida Religiosa foram sendo enquadradas dentro de um esquema único que poderíamos denominar 'modelo tradicional' de Vida Religiosa. Tradicional, porque foi o modelo dominante até o Concílio Vaticano II e o único que conheceram as gerações pré-conciliares. Modelo fundamentalmente monástico e dominado progressivamente por uma visão jurídica da Vida Religiosa. Era inevitável que a perspectiva monástica acabasse configurando a seu modo características que, fora dela, tinham outra significação. Assim por exemplo, as três dimensões acima apontadas foram progressivamente codificadas em práticas formais, justificadas em si mesmas e separadas umas das outras: vida 'espiritual', vida comunitária e vida apostólica.

Experiência de Deus

Estilo de Vida - (Vida Comunitária)

Missão

A Companhia não foi exceção: nem escapou a essa uniformização nem podia deixar de ser afetada por essa evolução. Por isso, a fisionomia da vida religiosa na Companhia no momento do Concílio apresentava os mesmos traços que caracterizavam a Vida Religiosa em geral: uma vida mais monástica do que apostólica do ponto de vista das práticas 'religiosas' (espirituais e comunitárias) e uma vida mais ascética do que mística na maneira de entender e viver o carisma inaciano.

Essa situação minava pela raiz (mesmo sem o saber) a unidade original entre experiência de Deus, missão e forma de vida, característica do carisma inaciano. A vida 'religiosa' (nas suas expressões espirituais e mesmo comunitárias) era o âmbito da busca pessoal e individual da santidade e da perfeição; a 'missão' ou vida apostólica (como era chamada) era muito mais a expressão da generosidade dos indivíduos e da sua intenção e desejo de 'ajudar as almas' do que uma 'experiência do Espírito', inseparável do mundo e da realidade à qual o 'corpo todo' (um 'corpo para o espírito') era enviado. Por isso, era inevitável a ruptura entre 'vida religiosa' e 'missão', com todas as suas conseqüências.

A desintegração da unidade que constitui a alma do carisma inaciano (a experiência fundante) se fez sentir cada vez mais, tanto no nível individual das pessoas (a vida estava dividida em compartimentos estanques) quanto no nível da missão do corpo (que podia se tornar e se tornou cada vez mais 'profissional' sem que isso acarretasse necessariamente maior clareza no testemunho de vida evangélica).

Depois do Vaticano II, a Companhia, como toda a Vida Religiosa, aceitou o desafio da 'volta às fontes'. Esse processo de renovação ficou inscrito, por um lado, nos textos das Congregações Gerais 31a. à 34a. e, por outro, no mergulho nas fontes do carisma fundacional da Companhia: os Exercícios espirituais e as Constituições.

Deixando de lado a C.G. 33a. que, consciente do seu papel de transição, não produziu nenhum texto novo mas remeteu às Congregações anteriores, é fácil constatar que a C.G. 31a. coube fazer a transição na Companhia de uma concepção 'tradicional' para uma concepção 'renovada' da vida religiosa em todos os seus aspectos, enquanto que a questão da missão polarizou as Congregações 32a. e 34a., mesmo com as diferenças de problemática inevitáveis pela distância de 20 anos que as separa.

Foi nesses mesmos anos pós-conciliares que a redescoberta e o conhecimento mais profundo dos textos fundacionais da Companhia deram um novo impulso à maneira de entender e viver a 'vida espiritual' no sentido propriamente inaciano (experiência espiritual, discernimento, etc.) e à maneira de entender a missão como algo essencial e inseparável da experiência espiritual da Companhia.

Nesse sentido o governo do Pe. Arrupe pode ser considerado - como fez com toda propriedade o Pe. Kolvenbach - como uma tentativa de 'refundar' a vida da Companhia no seu espírito mais lídimo.

As transformações de todo tipo pelas quais passou a Companhia nesses anos são por demais evidentes. E os frutos dessa renovação inegáveis. É lícito perguntar-se, contudo, se o ingente esforço de renovação realizado durante todos esses anos conseguiu reverter a situação de 'esquizofrenia espiritual' (com relação à experiência inaciana original) na qual viveu também a Companhia durante tantos anos. Onde reside a dificuldade?

O impasse atual ou a difícil recuperação da unidade

Textos inspiradores não faltam. Como são claras também as diretrizes do governo da Companhia. A dificuldade está no 'corpo' como um todo e nas marcas que deixou em cada um de nós uma maneira desintegrada de viver a 'experiência fundante' de Inácio. A Companhia como 'corpo' - e as pessoas nela, sobretudo as gerações mais velhas - padece ainda os efeitos da ruptura entre ser e agir, dessa unidade insuperável entre experiência de Deus, forma de vida e missão que caracterizava a experiência de Inácio.

O impasse atual é o reflexo de uma situação contraditória. É como se a Companhia como 'corpo' estivesse atolada nessa travessia que deveria levá-la da situação pré-conciliar ao reencontro com a sua mística mais original. Não por razões 'ideológicas', como foi o caso nas tensões que se manifestaram no generalato do Pe. Arrupe. Não há indícios de que a Companhia como tal sinta hoje a tentação de voltar a uma Vida Religiosa pré-conciliar. E as tensões que surgiram por ocasião da CG 32 foram aos poucos assimiladas e integradas de maneira equilibrada.

Do ponto de vista teórico a Companhia se reconhece e se identifica com as novas orientações. A dificuldade é de ordem prática. A Companhia como 'corpo' não encontrou ainda expressões adequadas - pessoais, comunitárias e institucionais ou do 'corpo' - que lhe permitam traduzir nas realidades concretas da vida a unidade constitutiva do carisma inaciano recuperada, no entanto, 'teoricamente' no contato com

as fontes. Dito com outras palavras: enquanto o discurso e as orientações do governo exigiriam expressões novas da 'experiência fundante', os pressupostos que presidem às expressões da 'vida espiritual', comunitária e apostólica dos jesuítas continuam a ser os da concepção tradicional.

Esse descompasso entre teoria e prática afeta a qualidade de vida das pessoas e do 'corpo' apostólico. É como se a missão do corpo dependesse unicamente da fidelidade dos indivíduos. Paradoxalmente a vida espiritual continua a alimentar um individualismo que é estranho ao espírito de Inácio. Tudo - no espiritual e no apostólico - estaria submetido à generosidade dos indivíduos. Mas então o sentido do 'corpo para a missão' ficaria reduzido a algumas práticas formais da mal chamada 'vida comunitária'.

Haveria que perguntar-se se não é essa uma das razões que explicam a falta de um verdadeiro dinamismo apostólico nas nossas obras e instituições. Pode haver uma grande fidelidade das pessoas às práticas de vida 'espiritual' e comunitária totalmente inoperante para a missão porque vivida e realizada à margem da mesma. Não é essa a intuição que está na origem da Companhia. Para Inácio a maneira de fazer a experiência de Deus e a forma de vida são inseparáveis da missão. A forma de vida (que não equivale exatamente ao que tradicionalmente se chama 'vida comunitária') faz parte da missão, está em função dela, a inspira e a anima e é por ela configurada. O dinamismo da vida 'espiritual' das pessoas não pode ser separado do dinamismo 'espiritual' do grupo em missão, porque a missão do corpo é mais e outra coisa do que a simples soma do que é e faz cada um dos indivíduos.